

**“Não tem jeito, o jeito que tem é sair” –
As Enchentes do Rio Jaguaribe na cidade de
Jaguaruana(CE) nos anos de 1960, 1974 e 1985**

***“There’s no way out, the only way out is to leave” –
The floods of the Jaguaribe River in the city of Jaguaruana
(Ceará) in 1960, 1974 and 1985***

Kamillo Karol Ribeiro e Silva*

Graduado em História pela UECE;

Mestre em História pela UFC; Doutorando do programa de Pós-Graduação em História da UFC.

kamillosilva@gmail.com

RESUMO: O presente artigo reconstrói, a partir das narrativas orais de trabalhadores rurais da cidade de Jaguaruana, interior do Ceará, o processo de saída de casa no momento inicial das enchentes ocorridas na região nos anos de 1960, 1974 e 1985. O momento, carregado de emoção e simbolismo marca de forma peculiar as memórias das pessoas que vivenciaram o fato.

Palavras- chave: enchente; memória; narrativas orais

ABSTRACT: *This article reconstructs the process through which rural workers of the town of Jaguaruana, Ceará, left their homes at the beginning of the floods in the region in 1960, 1974 and 1985, based on their oral narratives. Charged with emotion and symbolism, the moment marks the memories of the people who lived through the flood in a peculiar way.*

Keywords: *flood; memory; oral narratives*

* Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará (2003) e mestre em História pela Universidade Federal do Ceará (2006). Atualmente é diretor da Escola Estadual de Educação Profissional Juarez Távora, em Fortaleza CE, aluno do doutorado em História da UFC e professor da FVJ - Faculdade Vale do Jaguaribe.

Introdução

“Dizem: Quem relembra, sofre duas vezes. Mas eu acho que é mais”. *Tia Novinha*

Para entender a vida da grande maioria dos agricultores da pequena cidade de Jaguaruana, interior do Ceará, distante 180 quilômetros da capital Fortaleza, as narrativas orais que versam sobre dois fenômenos climáticos são de fundamental importância. Quando falam do tempo, suas vidas são marcadas pelas experiências da seca e da enchente.

As narrativas sobre os momentos de uma enchente seguem sempre um denotado fio condutor. A ação de observar as águas do rio, que por ocasião das chuvas, sobem sem cessar, é contada, respeitando a seguinte ordem: acompanhar o nível das águas, preparar-se para deixar a casa, mudar-se temporariamente – ou em definitivo, nunca se sabe – e retornar para as coisas que a cheia não levou.

Os sujeitos desta pesquisa, afirmam que o momento mais difícil é o de sair de casa. É o tempo da resistência. É comum ouvir dos narradores o desejo de permanecer em suas casas e suas estratégias de permanência, até chegar o tempo do sofrimento, quando o risco de perder a vida alerta que já não é mais possível resistir. Relatou Chico Pequeno: “Em 1974 deu umas chuvinhas, mas a gente se aguentando, se aguentando. Ninguém esperava que houvesse *cheia* não, viu?” O “sair de casa” marca de forma peculiar as memórias das pessoas que vivenciaram tal fato.

Neste artigo, construímos o texto a partir de um inventário de memória, proposto nas narrativas orais que apresentaram as implicações do movimento social das águas durante as enchentes ocorridas na região nos anos de 1960, 1974 e 1985.

Subindo ao barco das memórias – As narrativas da enchente de 1960

Sentar-se ao lado de Chico Pequeno para ouvir e ajudá-lo a criar memórias! De início, não pareceu ser uma tarefa muito fácil, contudo, os temas oferecidos por ele, através de suas narrativas, foram, aos poucos, reinventando conceitos e pontos de vista sobre o tema da conversa, que tratou, dentre outras coisas, dos primeiros dias de uma enchente. Senti que alguns poucos encontros não seriam suficientes para ouvir as narrativas orais elaboradas por um homem, que de fato, estava disposto a contar momentos da sua vida.

As cheias? Não se preocupe, eu vou contar tudim, certo? Porque a minha vida foi essa mesmo, todo tempo ou era seca ou era cheia. E eu me lembro de tudo, viu. O negócio que eu custo a lembrar, mas quando eu me lembro, aí é história, viu!¹

A decisão pelo uso de fontes orais na pesquisa histórica partiu do seguinte princípio: os sujeitos narram experiências e, a partir das possibilidades vislumbradas nas narrativas, os relatos servem como matéria-prima para a escrita da História, que no caso desta pesquisa versa sobre enchentes.

O que se encontra em cada narrador são possibilidades. Ao trabalhar com fontes orais, mergulha-se num ambiente pessoal de recordações que falam sobre fatos sociais. Portelli discute a relação de diferença existente entre a memória e a lembrança. Para ele, “A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças”.² (Portelli, 1997, p 17)

É nesta perspectiva que falo de possibilidades. Ter como fontes as memórias orais é trabalhar com o vivido, com o criado e até com os sonhos dos nossos depoentes, o que ativa outro aspecto da memória que fala também de desejos de futuro³. É nessa relação que se sobressai a subjetividade existente no trabalho com a oralidade.

O momento destas memórias trata de quando os “retirantes” têm que deixar suas casas. A saída, como relatam, é a certeza da incerteza. Diante de seus olhos, está a necessidade do deslocamento. Para onde ir e quando retornar está além da visão, restando apenas esperar o fim da enchente.

Encontrei-me com o Sr. Francisco Luiz da Silva, “Chico Pequeno”, como é conhecido e gostava de ser chamado, em junho de 2004. Recebeu-me em sua casa, na comunidade rural de Jureminha, distante seis quilômetros do Centro da cidade de Jaguaruana. No alpendre, deitado em sua rede, protegido pela comodidade de sua residência, Chico Pequeno convidou-me a sentar, perguntou se havia tomado a pequena chuva caída naquele dia e falou de sua admiração pela breve precipitação ocorrida em tal época do ano:

Esse ano foi diferente de todos os outros. Começou a chover muito cedo. Logo, logo, se encheu tudo isso aqui. A cheia veio, viu, esse ano, ela veio sim. Mas ela ficou daquela casa pra lá e nós se aguentando. Na chuva grande que deu, voltou a lavar a barragem. E todo mundo com medo já. Aí parou um tempo, e numas época dessas chove de novo, né?⁴

Chico Pequeno foi uma indicação dos amigos e moradores daquela região que irão aparecer mais tarde no texto. O velho agricultor foi-me indicado porque era o tipo de pessoa que eu procurava: “uma pessoa que gosta de contar histórias”. De fato, esse homem se mostrou um narrador nos moldes descritos por Walter Benjamin, pois se destacou dentre outros como produtor do texto oral, sempre esteve disposto a oferecer suas memórias e relatar suas experiências de quando enfrentou os problemas ocasionados pela enchente, neste caso, a saída de casa.⁵ No entanto, não foram somente as histórias das cheias que foram contadas, pois *Seu Chico* sempre quis falar sobre muita coisa. Enquanto Benjamin denuncia que em sua época “o homem [de hoje] não cultiva o que não pode ser abreviado”⁶, *Seu Chico* responde a pergunta inicial, quando da minha segunda visita, com esta declaração de amor ao ato de narrar:

Kamillo - *Seu Chico* fale um pouco da vida do senhor. Comece por onde o senhor quiser.

Chico Pequeno - Falar um pouquinho, é? Ta difícil. A vida é essa mesma que nós vive. Mas se for pra falar só um pouquinho, fica difícil, pra quem viveu muito, né?⁷

No início da conversa sobre as cheias, Chico Pequeno construiu um relato recheado de fatos impressionantes. Seu discurso esteve marcado por constantes conflitos de poder entre aqueles mais abastados e os mais pobres. Quando ele falou das pessoas que lhe deram abrigo durante a enchente, iniciou o relato que mais figura neste tópico. Contou das suas saídas de casa nos anos de boas invernações e de como as águas entraram em sua residência.

A fala de Chico foi escolhida para ilustrar este artigo porque é portadora de um grande número de elementos para a discussão aqui proposta, o que foi mais uma razão para reconhecer nele as virtudes d'O Narrador.⁸

Chico Pequeno mostrou-se um artesão da palavra, transformando sua fala em possíveis indicações a serem interpretadas e, mais que isso, seguidas, no que diz respeito às memórias de outras pessoas, pois é preciso dizer que este tema também é relatado por todos aqueles que foram entrevistados. Mesmo aquelas pessoas, que não precisaram deixar suas casas em virtude dos alagamentos provocados pela enchente, descreveram eventos relacionados a este caso específico, pois observaram de perto aquilo que chamamos de movimento das águas⁹ ou abrigaram pessoas que precisaram sair de suas residências.

Em suas memórias, a primeira vez que Chico Pequeno precisou sair de casa foi em 1960, ano da famigerada cheia do Orós. Por causa de um período invernosso intenso, o açude Orós, que na época estava em fase de conclusão, teve sua estrutura avariada pela força das águas, arrombando em meados de março de 1960 e agravando o ambiente de enchente que já se anunciava às populações ribeirinhas.

O que há de mais interessante neste fato, construído pela memória social da população da cidade de Jaguaruana, é o clima de tensão ocasionado pela notícia da quebra da parede do açude. Segundo o historiador Olivenor Chaves, vivia-se um grande temor pelas autoridades locais e estaduais e, especialmente, pela população do Baixo Jaguaribe, em virtude da possibilidade de rompimento da barragem do açude Orós, ainda em construção.¹⁰ O quadro climático da época era de grandes chuvas caídas na bacia hidrográfica do Jaguaribe, por isso as autoridades convocaram a imprensa cearense a fim de manter informadas as populações comumente afetadas pelas águas do Jaguaribe sobre a gravidade da situação, bem como, recomendar a desocupação das áreas mais críticas. Esse fato configurou um ambiente singular às saídas: naquele ano, os deslocamentos ocorreram de forma diferente de outras enchentes: os que saíram, deixavam suas casas ainda no seco, já que, comumente, a saída de casa em tempos de enchente se dá quando as águas invadem ou ameaçam as residências.

Em 1960, as pessoas saíram de casa porque temiam o fim do mundo. A notícia do rompimento da barragem do Orós seria a realização da profecia que afirmava: o sertão vai virar mar.¹¹ No jornal *O Povo*, de 22 de março de 1960, os termos técnicos se transformavam, aos olhos das pessoas mais simples, em anúncios da profecia.

No entanto, trombas d'água de mais de 250 milímetros, caídas na bacia hidrográfica, motivaram a maior enchente, já observada. Às quatro horas da madrugada de hoje,

na ponte de Iguatú, o Rio Jaguaribe marcava 35 pés, ou seja, aproximadamente onze metros e meio de lâmina d’água. Houve, portanto, uma elevação de seis metros em menos de 15 horas. Apesar de não haver muita possibilidade de salvamento da barragem, somente poderemos informar, com precisão, dentro de vinte horas. (Jornal *O Povo*, 22/03/1960. p 01-02).

A imagem mais recorrente é a de que as águas cobririam tudo. Somente ficaria fora d’água a torre da igreja matriz de Sra. Santa’na, padroeira da cidade. Acredito que possa haver pelo menos duas explicações para tal afirmação, feita naquela época e repetida ainda hoje, quando os moradores se referem a um possível rompimento da parede do açude Castanhão¹². A primeira delas é simplesmente por ser a igreja a edificação mais alta da cidade. Com 46 metros de altura, a imponência do prédio se destaca no meio das outras construções da cidade, tal como acontece na maioria das cidades do interior do Ceará. A outra ideia seria a de que o edifício mantém uma relação com o caráter sagrado da sua representação. A igreja é a casa de Deus e a água seria uma benção divina, por isso, ao passo que somente Deus pode dá-la, somente Ele poderia segurá-la.

Esta relação entre a enchente e a fé pode muito bem ser vista na fala de Dona Lourdes, outra narradora desta pesquisa. Em seu relato, disse, que ao sair de casa em 1960, colocou uma medalha milagrosa na porta a fim de que esta segurasse a força das águas. Segundo ela, deu certo: “Faltou bem uns dois palmos, uns 40 centímetros para água chegar na medalha”.¹³

Foi um ano de pouco inverno, mas de muito sofrimento. Porque a gente nunca ouvia falar no Orós, mas de repente, de uma hora para outra, era para o povo se retirar de dentro da rua que as águas iam cobrir a torre da igreja. (Dona Lourdes Alexandre)¹⁴

Lembro do povo dizendo que a barragem ia quebrar. O Toinho Alexandre era locutor da radiadora da igreja. De tarde, ele começava a alarmar: o mundo vai se acabar, se acabar, se acabar... A barragem do Orós vai quebrar. A conversa era essa: vai se acabar tudo. A água quando passar por aqui vai dar na torre da igreja. (*Seu Chagas Serafim*)¹⁵

Para a surpresa dos moradores que moravam na cidade e que se retiraram por conta da intervenção governamental e do clima de medo instaurado pela notícia do rompimento da barreira do açude, a narrativa se concentra na admiração ocasionada no retorno para casa.

Eu me lembro que logo nós viemos, porque tinha havido um pouco d’água, mas não chegou a alagar a cidade. Você ouviu falar que não alagou a cidade? A cheia foi nos baixos, foi nos baixos. [...] Quando nós chegamos, a mamãe só pensava como era que tava a nossa casa: tudo seco, tudo normal, do jeito que nós tínhamos deixado.¹⁶

Aqueles que contaram suas lembranças através de visões da cidade, disseram que ficaram poucos dias fora de casa e, quando voltaram, a cidade não estava alagada. Mas não foi isto que disseram os que moravam perto das margens do rio. A experiência da enchente de 1960 não diferiu muito para estes no que diz respeito a abandonar suas casas. *Seu Chico Pequeno* assim relatou o momento em que soube da notícia do Orós:

O Orós. Só se ouvia dizer que o Orós ia se quebrar. Aí quando foi um tal dia, eu sai de casa pra ir trabalhar na Passagem da Moita, lá no beço do rio. Eu saí, eu disse pra muier:

- Olha se você vê falar que o Orós se quebrou, você manda o menino me dizer pr'eu vim embora. Que ele quebrando lá, ele vem bater aqui.

Fui trabalhar. Eu tirei a primeira carreira de mato [risos], tava limpando, quando dei fé, o menino chegou.

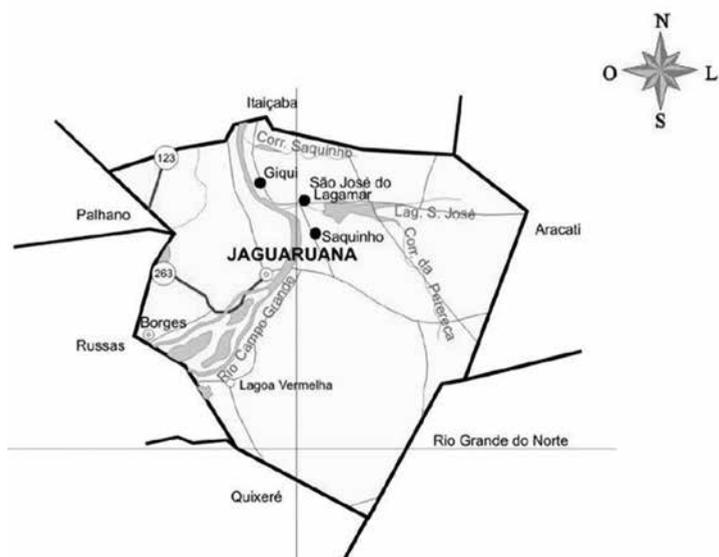
- Pai, a mamãe manda dizer que o Orós quebrou. O Raimundo Matos andou lá em casa e disse que o Orós tinha se quebrado.

- Mas meu fi... Antes deu pegar aqui?

Aí eu disse: - Você vá simhora, que eu vou acolá.

Eu ia pra Lagoa Vermelha atrás de uma colocação pra mim. Aí pensei, não, vou me embora. Vou mais o menino. Cheguei, eu tinha uns *mafegado*¹⁷ de carnaúba, encostado tinha forquilha, tinha tudo, fiz um jirau. Do tamanho que era a sala, fiz um jirau. Pra atrepar a bregueçada, que eu não podia carregar tudo.¹⁸

Através desse trecho, percebemos que Chico Pequeno construiu uma sequência de possíveis saídas para enfrentar o tempo da enchente. Quando o filho lhe falou que o açude havia quebrado, ele deixou transparecer certa indignação, denotando que nem mesmo o trabalho daquele dia havia começado e que, portanto, seu dia estava perdido. Havia, naquele momento, uma preocupação mais importante que era enfrentar a cheia iminente. *Seu* Chico já sabia que era inevitável o abandono do lar. Citou a comunidade de Lagoa Vermelha, pois esta, por ser localizada num lugar mais afastado da margem do rio, ao sopé da chapada do Apodi, distante 28 km do centro de Jaguaruana, era, naquele momento, um refúgio a ser procurado.



Analisando a topografia do município, conclui-se que a cidade é um lugar predominantemente cercado por reservatórios d'água. Lagoas, açudes e braços do Rio Jaguaribe cortam o município, fazendo com que as comunidades e o centro urbano sejam facilmente inundados durante os bons invernos. Para Chico, pensar a Lagoa Vermelha como saída deve-se a sua experiência como homem que passou por outras cheias. Por ser uma comunidade de “pé-de-serra”¹⁹, é uma localidade mais alta, onde as águas chegam, mas com dificuldade.

Chico Pequeno percebeu que tomar aquela decisão poderia acarretar outras perdas. A ideia que se tinha era de que, se houvesse uma enchente, esta seria devastadora; e, como foi dito anteriormente, havia a ideia de fim do mundo. Ele decidiu ir pra casa e, lá chegando, fez um jirau pra atrepar a bregueçada. Naquela mesma noite, deixou para trás sua moradia.

E, na continuação da narrativa, as memórias de Chico Pequeno ganharam uma especificidade:

Deixei a família em riba da barreira e ganhei o mato. Lá do retiro, no meio da noite. Fui numa casa, não arrumei. Fui em outra encostada, arrumei. O dono da casa não estava. Tava as meninas, eram conhecidas. Disseram:

- ‘Não *Seu* Chico, vá buscar seu povo, pode ir, a casa cabe.’

Fumos. Cheguei lá, se arranchemos. A casa grande mas não tinha armador pra armar rede. Passou-se a noite assentado.²⁰

Ao ler este depoimento e ao tentar visualizá-lo, encontramos um aspecto semelhante a outra narrativa, que da mesma forma é comovente e fala da migração e da necessidade de hospedagem. A fala de Chico Pequeno lembrou o episódio do nascimento do Cristo narrado pelos evangelhos bíblicos, onde, no lugar distante, não havia hospedagem para a família desabrigada que ficou numa estrebaria. Da mesma forma, Chico Pequeno e sua família somente obtiveram um lugar para ficar porque o dono da casa não estava. Quando este retornou, pediu que procurassem outro canto para ficar, afirmando que também, a qualquer momento, poderia se retirar.

Quando foi mais tarde o véi chegou. Eu fui disse pra ele, era Chico também:

- *Seu* Chico, eu vim pedir pra passar uma noite, as meninas me deram. O senhor não leva a mal.

- Não senhor, eu só não digo que o senhor fique aqui mais eu, porque eu não sei se até eu mesmo vou me arretirar. Mas se eu soubesse que não saía de casa, o senhor ia ficar mais eu.²¹

Talvez o narrador nem sequer tenha imaginado tal semelhança, mas sua história repete a narrativa bíblica, evidenciando que estes relatos entram no cotidiano dos contos e “causos” das pessoas mais simples e começam a fazer parte das suas vidas. É assim com as narrativas da seca, nas quais quem é indagado quase sempre repete as imagens do sofrimento, da migração, da chegada à cidade grande e do desejo de voltar para seu lugar de origem, se um dia voltar a chover, como canta Luiz Gonzaga em suas músicas ou versa Patativa do

Assaré em seus poemas²². Há uma resignificação de várias matrizes presentes na cultura que instrumentalizam estes homens e mulheres no ato de contar suas histórias. Conforme Olgaria Matos, o tempo da narração não dualiza lenda e mitos, não separa tradição oral e conceitual, o dizer do crer²³. É nesta perspectiva que o texto bíblico empresta sua matriz à fala de Chico Pequeno. As histórias bíblicas são contadas e recontadas no universo do sertão e passam a pertencer à dimensão da experiência dos indivíduos. As lembranças do momento de sair de casa tornam-se fronteiras balizadas que se deslocam constantemente, apresentando, para nós historiadores, um jogo de temporalidades que nos desafia e, ao mesmo tempo, nos dá condições de criar história através das memórias²⁴. *Seu Chico*, no momento de sua fala, nada mais fez que viajar nos deslocamentos dessas fronteiras, fazendo com que a narrativa bíblica, naquele momento, fizesse parte de seu espaço de experiência. Entretanto, a tônica do deslocamento permanece.

A casa que lhe deu abrigo, naquela noite, não pôde acolher sua família por muito tempo. Não obstante, não se pode negar as ligações solidárias em tempos de enchente. Mesmo por uma noite, Chico Pequeno e sua família conseguiram refúgio.

Em 1960, o lugar de retiro definitivo deste agricultor e de sua família foi numa fazenda, na serra da Pacatonha, município de Jaguaruana, distante 36 quilômetros do Centro da cidade, a convite de uma senhora chamada Maria Abreu. Em troca, Chico Pequeno propôs cuidar dos animais da proprietária do lugar. Segundo ele, foi assim que passou a “cheia do Orós”.

Outras enchentes – narrativas das cheias de 1974 e 1985

Em 1974, a experiência de Chico Pequeno assemelha-se mais a de outros homens e mulheres que também conheci durante a pesquisa. Avani, Dona Eliza e Dona Maria Sulina, assim como *Seu Chico* e sua família, retiraram-se de suas casas, localizadas na Zona Rural ou na periferia da cidade, para áreas que ficavam no Centro do município ou para lugares geograficamente mais altos, como foi o caso da serra da Pacatonha e o bairro de Cardeais. Contudo, a partir dos relatos de *Seu Chico*, a saída mais angustiante foi vivida durante a enchente de 1985:

Kamillo - Como é que foi a saída em 1985?

Chico Pequeno – 85? Foi do mesmo jeito que em 74. Eu morava ali, do canto daquela casa de taipa e a água começou a chegar e eu me aguentando. Até que pela madrugada ela chegou. Perto desta oiticica aí, tinha um alto que eu já tava com as coisas quase tudo neste alto. Fora de casa. Dali pra cá veio uma correnteza que quando ela entrou dentro da minha casa, dava água aqui fora e dentro de casa ainda tava no seco. (*Seu Chico* aponta para sua cintura, o que dá por volta de 1m de altura) um metro d'água. E aí, eu esperando por canoa. Eu digo, não vai dá certo não. Quando foi de manhãzinha, peguei um cavalete, botei n'água, isso aqui tudo coberto d'água tudinho. Botei o cavalete e disse:

- Vocês fique aí que eu vou atrás de uma canoa. Aí, saí. Fui encontrar uma canoa no beijo do campo grande. Do Antônio Salvador. Cheguei lá tava o véi pai dele.

- *Seu João*, cadê o Antônio?

- Tá pra fora.

- *Seu João* tô lá aperriado, tô com as coisas tudo fora e a água tomando de conta.

- É? Pois ele tá pra lá.

Boto o cavalete pra trás, encontrei ele naquele portão que você passou ali.

Disse: - Antônio, tô aperriado. A água ta cobrindo nós ali lá num altozim de nada.

- Pois rumbora já buscar. Foi só virar a canoa. Chegou lá e pegou as coisas.²⁵

Assim como sua história, o comportamento de Chico foi “aperriado”. A fala trêmula e a falta de sossego na cadeira me fez pensar que o que estava diante de mim não era apenas um homem contando-me as suas memórias, mas também a própria recordação se corporificando no ato da narrativa. Como nos diz Paul Thompson, quando atenta para as particularidades do enunciado a partir da voz humana, “ela faz o passado surgir no presente de maneira extraordinariamente imediata. As palavras podem ser emitidas de maneira idiossincrática, mas, por isso mesmo, são mais expressivas. Elas insuflam vida na história.” (Thompson, 1992, p. 41.)

Outra particularidade do trecho da fala de Chico é que, para o trabalhador rural, a chuva sempre é um bom sinal, mesmo quando sorrateiramente os rios começam a encher e ameaçar a moradia das pessoas. Acompanha-se com cuidado o desenrolar da quadra invernos, mas sair de casa é uma atitude semelhante a uma loteria. É difícil saber realmente se e quando as águas invadirão as residências. Por isso, aguenta-se até o último momento. Saber se é hora de sair de casa ou não somente pela observação das chuvas é arriscado.

Diferente de 1960 e 1985, o ano de 1974 começou chovendo. O jornal *O Povo*, em 03 de janeiro de 1974, anunciava: “O fim de semana foi de muita chuva no município de Iguatu e cidades vizinhas. É um prenúncio de um bom inverno para o corrente ano”. Não demorou muito para mudar o tom das notícias. A coluna destinada aos municípios do interior que, diariamente divulgava as chuvas em várias localidades, conclamando os agricultores a plantarem, foi aos poucos divulgando outros fatos: as destruições ocasionadas pelos aguaceiros e pelas pequenas enchentes. “Chuvas na Zona Norte interdita BR-222”²⁶ ou “Rio Curu carrega ponte”²⁷ No final do mês de janeiro, as notícias já descreviam cidades isoladas, adutoras rompidas e estradas cortadas por causa das enchentes que prorromperam em todo o Estado.²⁸

O jornal *O Povo*, de 31 de janeiro de 1974, traz a seguinte matéria: “Enchente do Rio Acaraú isola as cidades de Marco e Bela Cruz”. A notícia descrevia a situação dos municípios, falando de como as populações foram pegas de surpresa e como o nível do rio aumentou consideravelmente. No Vale do Jaguaribe, não foi diferente. Segundo dados coletados no

site da Funceme, somente no Centro de Jaguaruana choveu 312 mm, em janeiro de 1974. Se forem somados os outros volumes registrados nos postos de DNOCS, Borges e Giqui, que são distritos da cidade, chegaríamos a um total de 1.024 mm. Esta marca só é semelhante ao ano de 2004, quando somente em janeiro, as precipitações somaram 1.110mm²⁹.

Em 1974, quando a cidade de Jaguaruana foi, pela primeira vez, citada pelo referido jornal, a notícia é uma matéria de capa que diz “Calamidade pública a qualquer momento pra Jaguaruana, Itaiçaba e Aracati”.³⁰ No corpo da matéria, a Defesa Civil do estado do Ceará já contabilizava um número de 1.214 famílias desabrigadas na cidade de Jaguaruana.

Avani Almeida, outro importante narrador desta pesquisa, relatou o momento de sua saída de casa em 1974:

Quando foi em abril de 74 aí, falando bem matuto, nos tava de molho morrendo afogado. Aí não foi brincadeira não. Foi água. Era tanta água que era como se parece que vinha de barco, jorrando, cobriu a cidade toda. [...] Fomos lá pro posto de gasolina que tinha aquelas casonas. Em 74, nos arranchemos lá e lá ficamos por muito tempo.³¹

Em 1974, *Seu Avani* já estava casado e tinha filhos; era um pai de família com muitas responsabilidades, diferente do moço, sem maiores compromissos, que enfrentou a cheia de 1960. Suas memórias são organizadas a partir dessas referências, pois mesmo falando muito de 1960, afirma que calamidade só viu mesmo em 1974, já que durante a enchente anterior ainda se considerava um menino.

A enchente em Jaguaruana organizou as lembranças dos narradores de diferentes maneiras. Para dona Eliza, outra narradora desta pesquisa, as temporalidades expostas em suas memórias são organizadas através da temática do trabalho e pela relação com o campo. Diante da seguinte indagação, ela respondeu:

Kamillo – A senhora nunca saiu de casa a não ser em época de enchente?

Dona Eliza – Época de enchente, a não ser. Uma festa de Santana eu passo em casa, tá com trinta e tantos anos que eu não vou uma festa de Santana.³²

Para ela, o depoimento sobre o deslocamento foi ainda mais traumático, pois os exemplos que suas memórias ofereceram como marcos temporais foram a doença do filho mais novo, a dor de deixar a casa, o medo de roubos e o cotidiano dos abarracamentos, descrito por ela como algo sombrio. Dona Eliza reconstruiu o momento de sua saída de casa do seguinte modo:

Quando chegou a água por aqui nessa região, foi uma aflição só. Eu dentro de casa, com esse dois meninos. Um menino e uma menina. Esse era recém-nascido, nera. Aí foi, eu disse pro véi:

- Home tu num tá vendo que a água tava ali pra lá daquela cerca, ontem. Hoje já tá aí. Vai arrumar uma canoa pra gente se arretirar daqui.

- Não, não tem perigo não.

Hum, só sendo. Começou uma chuva assim de mei dia pra tarde. Quando foi assim, umas cinco horas, você pode me acreditar, a água tava no beijo do batente, pra

entrar dentro de casa. Aí foi o homem se arrumou e saiu em busca duma canoa. E haja chuva, e eu já aflita, que o home num chegava. Ele chegou com a canoa assim umas nove horas da noite. A água já tinha passado por cima do parapeito. Foi uma enchente veloz. Eu nunca tinha passado uma experiência com água desse jeito. Nem o Orós, viu, nem o Orós.³³

Eliza relata sua saída em 1974 falando da dificuldade imposta pelo fenômeno da enchente. Pode-se imaginar o quanto é difícil abandonar a casa no meio da noite, às pressas, sem nenhuma perspectiva de retorno. Para ela, sair de casa era uma questão de tempo, pois a exemplo de muitos outros, a casa desta agricultora fica perto de um braço do rio Campo Grande, afluente do Jaguaribe, que corta a cidade de Jaguaruana nas imediações das comunidades visitadas, onde também morava Chico Pequeno.³⁴

As experiências de dona Lourdes e *Seu* Ferreira não são muito diferentes das dos outros depoentes. O interessante na fala de dona Lourdes é o lugar que a fé em Deus assume em seu discurso. No momento em que alguns afirmavam que sua casa iria cair por conta das inundações, ela confiou em Deus e colocou uma medalha milagrosa na porta da casa, afirmando que aquela medalha seguraria sua casa, que, de fato, não caiu.

Por se tratar de um trabalho com memórias, reitero a prerrogativa que me guia por entre as narrativas dos entrevistados: estudar tais relatos significa visitar várias temporalidades. Isso é o que me autoriza utilizar diversas marcas temporais que podem parecer desordenadas para olhos não treinados no limo das lembranças, mas que, ao contrário, apontam o ambiente caótico no qual a memória se inscreve. Daí estarmos sempre falando de tempos não sequenciais, no que diz respeito à cronologia, mas, tempos da memória, que respeitam a experiência. Por isso, estamos visitando constantemente 1960, 1974 e 1985.

Para dona Lourdes, a saída em 1960 foi inevitável. O clima de tensão ocasionado pelas notícias do Orós era, no caso dela, mais específico, visto que, uma das pessoas que transmitiam notícias à população era seu esposo. *Seu* Toinho Alexandre era radialista da cidade e falava à população através de um serviço de som (radiadora) colocado em uma carnaúba alta, localizada no Centro da cidade. É provável que, ao contrário da maioria, dona Lourdes já estivesse acostumada com as notícias do Orós que eram veiculadas por seu próprio marido.

A tensão da saída só foi compensada pelo retorno, quando encontrou sua casa de pé, como deixara, segundo ela, por causa da medalha.

Seu Ferreira relata sua saída em 1960 junto com sua mãe, em busca da serra. Foi prevenido pelos boletins soltos pelos aviões e pela observação da natureza, pois segundo conta, foi a sua interação com o rio que o alertou para abandonar sua casa. O fim do trecho de sua fala oferece um episódio que provoca risos em nós dois, mas ao mesmo tempo, assusta por conta da rapidez dos acontecimentos.

Aí 60 havia as notícias do Orós, de que bateu o chuveiro, que começou os aguaceiros no meio do mundo e os aviões soltando aqueles boletins e nois morava numa casa que nem nossa não era. Um alto que era uma coisa medonha. Ai eu fui e disse pra mamãe:

- Mamãe, sabe de uma coisa, vamos se arretirar daqui porque você tá vendo a água daquele jeito, no meio das vagens, num tá enchendo não, tá correndo.

Ai ela disse: - Meu filho não vem água aqui não, numa altura dessa.

Eu digo: - Não, mas ninguém se confia e você vendo que boletim é soltando aqui direto.

Ai eu falei: - Você não tem um cunhado lá em cima da serra? Mas será possível que chegando lá ele não dê a sombra a nois?

Ela disse: - É, dá.

Arranjei um jumento, botamos as coisas dentro dos cassoá. Enquanto eu fui a subida da serra e voltei pra levar no jumento o que eu não tinha levado, quando eu cheguei a água já tinha levado. Em 60. Tinha aqueles fogão à lenha. Tinha uma galinha deitada que a mamãe deixou em cima. Ela disse:

- Quando você for e voltar, olhe a minha galinha de que jeito tá e leve pra casa do compadre Chico.

Quando eu cheguei, a galinha tava atrepada numa meia parede que nem essa aí e a baciazinha com os ovos tava boiando n'água. Em 60, viu (risos)³⁵

Considerações Finais

Falar sobre sair de casa em tempos de enchente é bastante difícil, principalmente se encararmos as memórias como um espaço de recordação cujo ato de lembrar muito intimamente se relaciona com o ato de reviver e de esquecer. Como nos diz Benjamin, a narrativa não se entrega³⁶ e, portanto, não está ali para ser explicada.

O inventário das lembranças de *Seu Chico Pequeno*, Avani, Dona Eliza, *Seu Ferreira* e Dona Lourdes Alexandre sobre o sair de casa em tempos de enchente nos oferece um repertório de temáticas recorrentes em todos os relatos como a dificuldade da partida, a velocidade das águas, a urgência das ações, as doenças e os lugares de abrigo. Tais indícios apontam caminhos outros, possíveis de serem abordados em diferentes produções. Entretanto, estas mesmas pistas reafirmam os muitos tempos das memórias e uma complexa compreensão acerca da diversidade de referenciais temporais que tal estudo pressupõe. O sair de casa é um passo em direção às águas, mas também é dirigir-se para dentro de um universo específico do mundo das lembranças.

Se fosse necessário justificar o ato de sair de casa quando o rio se revolta e inunda as casas no campo e na cidade, não sei se faria melhor que Chico Pequeno ao dizer que quando a água vem mesmo, “não tem jeito, o jeito que tem é sair”.

Notas

1 - Francisco Luiz da Silva, nascido em de agosto de 1921. Residia na comunidade de Jureminha, localizada à seis km da sede do município de Jaguaruana. Morava em uma casa pequena com duas filhas, rodeado, em seu terreno, pelas casas dos filhos. Concedeu-me esta entrevista no dia 19 jun. 2004, numa tarde, após uma chuva que quase tornou os caminhos da região intransitáveis. Chico Pequeno – nome pelo qual era conhecido, fez questão de falar da agricultura, enfatizando que mesmo com seus 83 ainda trabalhava nesta e com orgulho. Faleceu em setembro de 2008.

2 - Segundo Portelli, “a essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixa de ser profundamente pessoais”. PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. Projeto História. São Paulo: EDUC, no 15, pp. 13-33, abr 1997.

3 - Sobre este tema, ver o texto PORTELLI, A. Sonhos ucrônicos, memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. Projeto História, São Paulo: EDUC, (10), dez de 1993.

4 - Francisco Luiz da Silva. Entrevista citada.

5 - Ver BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Brasiliense: Rio de Janeiro, 1976.

6 - *Idem*. *Ibidem*. p 206.

7 - Francisco Luiz da Silva, entrevista citada.

8 - Para Benjamim, “a narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘o puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa da vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”. (sic) BENJAMIN, Walter. *Op. Cit.* p. 205.

9 - A expressão movimento das águas, usada por alguns dos entrevistados acabou sendo de muito valor na medida em que os mesmos se reportavam às enchentes, usando a expressão. O movimento das águas pode ser definido também como o cotidiano da época, no qual não somente a água tem um papel predominante, mas também os corpos e os objetos, como canoas, cavaletes (armação feita de madeira usada como suporte para atravessar rios e se movimentar pelos lugares alagados), bolsas de alimentação, entre outras coisas. Nesse sentido é possível também estudar a história através destes outros suportes da memória. Cf. RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto*. O museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

10 - Cf. CHAVES, José Olivenor Sousa. Atravessando Sertões. Memória de Velhas e Velhos camponeses do Baixo-Jaguaribe-Ce. Tese de Doutorado em História apresentada a UFPE. Recife: 2002. p. 557. Parte da parede do Açude Orós rompeu-se no dia 21 de março de 1960, ocasionando sensíveis perdas às populações ribeirinhas do Jaguaribe. As obras foram retomadas e concluídas em no ano de 1961.

11 - Segundo Kênia Rios, a profecia é muito conhecida nos sertões e apresenta-se nas falas destes homens e mulheres de muitas formas. [...] “Histórias, contos e cordéis criam de forma variada a ideia de que “o sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão”. Cf. RIOS, Kênia Souza. Engenhos da memória: narrativas da seca no Ceará. Tese de Doutorado em História apresentada a PUC. São Paulo: 2003. p. 256. Para Olivenor Chaves, a presença de contos proféticos nos relatos dos sertanejos, (...) é um expressa capacidade que se tem de traduzir as experiências de vida à luz das profecias que os mais antigos contavam a respeito do fim do mundo. Na verdade, uma reinvenção da concepção bíblica referente à consumação dos séculos”. (sic) Cf. *op. cit.* p. 378.

12 - Em 2004 o açude Castanhão, localizado entre as cidades de Jaguaribara, Jaguaretama e Alto Santo recebeu um grande volume d’água, ajudando a controlar as enchentes no Vale do Jaguaribe. No entanto, frente às notícias que, a cada dia que se passava o açude enchia mais, a lembrança do rompimento do Orós em 1960 foi inevitável. Aqueles que acompanharam as enchentes de 1960 temiam o rompimento do Castanhão nos dias de então. Segundo eles, daquela época haviam escapado, mas se o que aconteceu em 1960 se repetisse naquele momento, seria difícil escapar alguém.

13 - Maria de Lourdes Alexandre, entrevista realizada no dia 27 mar. 2004 em Jaguaruana. Dona Lourdes era esposa do sr. Toinho Alexandre, radialista que noticiava nos idos de 1960 as notícias sobre o rompimento do açude Orós.

14 - Maria de Lourdes Alexandre. Entrevista citada.

15 - Francisco da Chagas Serafim Neto, entrevista realizada no dia 25 mar. 2004, no Bairro Juazeiro em Jaguaruana. Com 84 anos *Seu* Chagas Serafim relembra com dificuldade do episódio de 1960. Resolvi entrevistá-lo por ter sido ele umas das poucas pessoas a ficar na cidade, resistindo àquilo que poderia ser o tão famigerado fim do mundo. Faleceu em junho de 2006.

16 - Antônio Avani de Almeida, 67 anos, entrevista realizada em 05 de ago. 2002, na cidade de Jaguaruana, no grupo escolar do bairro Alto. O Sr. Avani é um trabalhador rural que mora na periferia da cidade. Assim como Chico Pequeno se mostrou sempre um grande narrador.

17 - Carnaúba cortada em ripas e linhas para se fazer o madeiramento do telhado das casas.

18 - Francisco Luiz da Silva, entrevista citada.

19 - "Pé-de-serra" – Comunidade localizada nas encostas das serras, normalmente lugar geograficamente mais alto.

20 - Francisco Luiz da Silva. Entrevista citada.

21 - Francisco Luiz da Silva. Entrevista citada.

22 - Cf. RIOS, Kênia Sousa. *Op. Cit.* p. 95

23 - MATOS, Olgaria. O historiador e as fontes orais. S/d p. 17

24 - Cf. GROSSI, Y.S. & FERREIRA, A.C. *Razão narrativa: significado e memória. História oral.* São Paulo: ABHO. Vol 2, no 4, p. 28, 2001

25 - Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 12 jan. 2005. Jureminha, Jaguaruana – CE.

26 - Jornal *O Povo*, 18 jan. 1974. Primeira página, p. 01.

27 - Jornal *O Povo*, 19 jan. 1974. Primeira página, p. 01, 12.

28 - *O Povo*, 31 jan. 1974 p.13, Coluna Municípios.

29 - Informações retiradas do site: www.funceme.br que tem catalogado e disponível através de links as pluviometrias de todo Ceará a partir de 1971.

30 - Jornal *O Povo*, 20 mar. 1974. Primeira página, p. 01, 12.

31 - Antônio Avani de Almeida. Entrevista citada.

32 - Francisca Eliza da Silva, 69 anos, nascida em 15 mar. 1945. Entrevista realizada na comunidade

de Jureminha, interior de Jaguaruana – CE no dia 24 jul. 2004. Resolvi ouvir esta senhora devido aos comentários em que a mesma se mostrava uma grande contadora de histórias. Agricultora aposentada, à época ainda plantava e trabalhava com a terra. Neste trecho, Santana a quem dona Eliza se refere é a santa padroeira da cidade de Jaguaruana. A festa da padroeira acontece sempre no último final de semana de julho.

33 - Francisca Eliza da Silva. Entrevista realizada em 24 jul. 2004. Jureminha, Jaguaruana, Ce.

34 - A Jureminha é uma das inúmeras comunidades ribeirinhas da cidade de Jaguaruana. A convivência com as águas é uma constante, pois só falta água nesses lugares em períodos de seca extrema. Os relatos de quem mora nas proximidades de braço de rio, lagoas e açudes são portanto, recheados de histórias de quando o rio encheu e invadiu as casas.

35 - Antônio Araújo da Silva, *Seu Ferreira*, nascido em 29 de julho de 1940, tem 74 anos, é agricultor, casado e pai de 6 filhos. Procurei o senhor Ferreira porque ele me havia sido indicado como o morador mais antigo do bairro. Mora atualmente com esposa e filhos, na comunidade de Capoeira, lugar que foi escolhido para instalar as barracas durante as enchentes de 1974 e 1985. Entrevista realizada no dia 23 mar. 2004, em Jaguaruana, Ce.

36 - Cf. BENJAMIN, Walter. *Op. cit.* p 217

Fontes

Entrevistados

Antonio Araújo da Silva – *Seu Ferreira*

Antonio Avani de Almeida

Francisca Eliza da Silva.

Francisco Luiz da Silva

Maria de Loudes Alexandre

Jornais

Jornal *O Povo*. 18 Jan 1974.

Jornal *O Povo*. 19 Jan 1974.

Jornal *O Povo*. 31 Jan 1974.

Jornal *O Povo*. 20 Mar 1974.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In. Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política.* Brasiliense: Rio de Janeiro, 1976. p 215.

FARGE, Arlette. Do Sofrimento. *In: Lugares para a História.* Lisboa: Teorema, 1999 p. 13-26.

GROSSI, Y.S. & FERREIRA, A.C. *Razão narrativa: significado e memória. História oral.* São Paulo: ABHO. Vol 2, no 4, p. 28, 2001

RIOS, Kênia Souza. *Engenhos da memória: narrativas da seca no Ceará*. Tese de Doutorado em História apresentada a PUC. São Paulo: 2003.

LOWENTHAL, David. *Como Conhecemos o Passado*. Projeto História. São Paulo: EDUSC (17), nov. 1998. p. 462.

LUCENA, Célia de Toledo. *Artes de Lembrar e de inventar*. (re) Lembranças de imigrantes. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.p. 24.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto*. O museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral*. Projeto História. São Paulo: EDUC, no 15, pp. 13-33, abr 1997.

Recebido em 05/06/2014

